



waldyr.imbroisi Um millennial no centro do mundo

Add a comment...

Post



UM MILLENNIAL
NO CENTRO DO MUNDO

Waldyr Imbroisi

Um millennial no centro do mundo



NÃO SE FALA SOBRE NADA ALÉM DE SI MESMO. Por isso, neste opúsculo sou unicamente fiel às minhas presunções insensatas, conclusões parciais e observações aleatórias (que, é bem verdade, poderiam nascer de qualquer *millennial* no centro do mundo. Mas estas são as minhas). Não há aqui nada de novo, surpreendente ou transgressor: despertei um gosto pelo óbvio, e a ele me atenho.

Escrevo como fruto de um silêncio. Desenvolvi, com base nele, um tratamento para úlceras: trata-se de cultivar a quietude de um santuário ermo, antigo; para que, na hora precisa, seja impossível não ouvir os gritos. E aqui estou. Subestimamos os silêncios: dizem que o apóstolo Paulo passou três anos no deserto depois da conversão antes de começar a espalhar a pala-

vra. Meu deserto são os morros de Minas; vivo em um quadro de Alfredo Vieira. Em silêncio, tornei-me aprendiz de antropófago — à minha maneira, como não poderia deixar de ser — e aprendi a dar passos para fora de mim só para encontrar-me. Sou um errante interessado pelo agora, pelas questões incômodas; sou um desaguar de privilégios, branco homem hetero — e daqui eu falo, esteja bem sabido. Sou um brasileiro do meu tempo: um *millennial* no centro do mundo.

Pertenço a uma geração nefelibata e decisiva. Nascemos no milênio passado e nos tornamos adultos nas últimas duas décadas. Os primeiros a experimentar ostensivamente maravilhas do mundo globalizado que se tornaram essenciais à vida, crescidos em um reino de promessas impossíveis de se realizar. Ora, eis aí uma história que merece ser contada.

Nasci uma semana antes da queda do muro de Berlim. Daquele momento em diante, imenso alívio tomou conta das nações, e um cenário de amigável intercâmbio e cooperação internacional começava a se desenhar. Os que nasceram anteriormente na década perdida ou nos anos 1990 também participaram, mais cedo ou mais tarde, de um otimismo crescente: nasciam mercados comuns, guerras pareciam remotas e nossos pais (e os X e Boomers de modo geral) sempre

acreditaram que nossa geração seria próspera e vicejaria. Aqui, em especial, experimentamos expressiva melhoria de vida: redemocratização, Constituição de 88, redução da pobreza, aumento do poder de compra, expansão do ensino superior e, via de regra, famílias que investiram em nós — todo *millennial* sente-se o centro do mundo. Tudo para dar certo. Crescemos com sonhos imensos: com a fábula da globalização em pleno vigor, os olhos ampliados pelo acesso à rede nos fizeram perceber que o mundo é vasto. Ah, as promissões de prosperidade ilimitada, de experiência cósmica da vida! E quão grande não tem sido a desilusão, o desalento frente às promessas partidas! Que sina coletiva, a expiação de uma geração frustrada! Mas veja: escrevo pois é próximo, afinal, o dia em que toparemos conosco e, então, nossa alma servirá de abrigo.

Somos uma geração narcísica com deficiência para enxergar a realidade perdidos em um mundo de referências múltiplas partidas e desgastadas. Que alívio para um filho de um ferreiro nos idos de 1300, sabendo que cristão e ferreiro será por toda sua vida! Sabendo que sua vila será sempre sua vila, seus pares sempre os mesmos, o destino comum da humanidade conhecido por todos! A definição é um refrigerio, enquanto a liberdade é a angústia da nossa era — que peso terrível, a consciência de que cada escolha é um

passo em direção a sabe-se lá onde, que cada passo deve ser seguido de mais e mais passos entre caminhos incertos e parcamente explorados em direção a um amanhã sem previsão! Deus, família, governo, comunidade, verdade: o que estava posto subsiste na iminência de desmanchar no ar sob toques dos nossos dedos. Vivemos no limiar entre crer à força e repetidamente nas narrativas que explicam o mundo com precisão e totalidade e destruir a golpes de martelo as referências que herdamos, sem saber o que pôr-lhes no lugar. Ora bem. Se guardamos alguma vantagem indiscutível diante dos antigos, é que estamos na iminência de uma só certeza: não temos ideia do que estamos fazendo. O passo que nos separa da conquista do mundo e irá regenerar-nos da frustração.

Aproximemo-nos, então, de nós mesmos: não é possível entender o que nos tornamos sem junho de 2013. Já se completam sete anos do momento em que nossa geração descobriu a rua e o Brasil. Enquanto nossos pais lutaram por pautas definidas (quando lutaram), como a abertura política, nenhum de nós sabia o que estava fazendo. No centro do mundo, estavam lado a lado aqueles que se filiariam depois às hostes monarquistas ou à luta de classes. A causa e o tamanho das jornadas de junho são costumeiramente entendidos a partir de um conjunto de

fatores, como a incapacidade sistêmica de diálogo do governo — inclusive com seus apoiadores —, indignação com a violência policial descarada e a horizontalidade das redes (a cobertura em tempo real de gente como eu e você, portando celulares; a troca de informações sem filtro entre manifestantes de todo o país; a sensação de um sonho comum unindo os brasileiros). Há mais um, no entanto, fundamental para a compreensão, digamos, *espiritual* do fenômeno: os rumos do país afetavam diretamente uma geração que *achava que merecia mais do que recebia*. E eis a frustração mal digerida conduzindo o mundo.

Todos quiseram se tornar donos dos protestos e ganhar com eles capital político e, de certo modo, todos conseguiram. Nos anos que se seguiram, grupos de manifestantes formaram seus nichos, suas pautas e suas formas de manifestação; contra ou a favor do impeachment, para derrubar o Cunha ou prender o Lula, fora Temer ou viva Moro. Ficamos tão encantados com o poder das ruas que chegamos a fazer manifestações pela independência do Sul, pelas eleições indiretas e pelo retorno da monarquia (é verdade que sofrivelmente vazias, mas estiveram lá). E falsos abismos foram sendo construídos ao longo desses sete anos em que a política foi descoberta, mas pouco compreendida: importavam mais as cirandas, os pixulecos, os saraus contra o fascis-

mo e a coreografia do impeachment. Dois lados estavam postos, e cair nas graças de um deles era (ainda é) sinônimo de sucesso. Discursos, imagens e ídolos têm sido estabelecidos e disputados em cada extremo enquanto o centro se torna terreno hostil a ser conquistado. Quando chegamos em 2018, já éramos dois países fragmentados, divididos pelo muro do impeachment no Planalto e por nossas bolhas das redes sociais, cada extremo olhando o outro com desconfiança, raiva, desprezo.

(Foi aí que a minha adolescente cidade, de repente, tornou-se o centro do mundo; aqui deu-se, entre muitas peripécias, o corolário da aura messiânica de um então-futuro governo que movimenta ou paralisa o globo. Mas, ai de mim que me adianto! Em breve retornarei a este ponto; há coisas que precisam ser ditas antes, e faço, então, uma digressão): Não somos um país que começou há sete anos, mas há cinco séculos; e não pertencemos unicamente a nós mesmos, mas descendemos de culturas com milênios de história. Mais ainda: somos uma espécie com 300 mil anos de idade e pelo menos 70 mil de pensamento abstrato e religioso — e durante todo esse tempo a vida em comunidade forjou o que somos. Por isso existe muito em comum, em termos do que é essencial, entre um camponês da Idade Média e um homem asteca: uma

vez por semana, as atividades cotidianas eram suspensas para a participação em rituais coletivos compulsórios — a eucaristia na igreja, de um lado, o consumo do teonanácatl em torno da fogueira, do outro. A comunidade embasada na religião orientou os projetos coletivos de todos os povos: as pirâmides egípcias, investimento magnânimo de recursos e energia humana, regulavam a relação entre a vida e a morte, assim como as catedrais europeias que levaram mais de 500 anos para serem erguidas. Não há nada capaz de explicar esses impulsos se não a orientação coletiva de uma comunidade em torno de uma verdade compartilhada para além da existência, um *mysterium tremendum fascinans* que é totalmente outro e também nós mesmos (um breve desvio para falar do meu sagrado. Não pretendia fazê-lo, ainda mais tão logo; mas não se conhece verdadeiramente ninguém sem saber da sua relação com deus. Serei breve: fui espiritualista por dez anos e niilista por três dias. Não sei dizer qual dos períodos me causou maior impacto. Redimiui-me uma espécie de existencialismo panteísta — importa-me o númeno, o subjacente, presente a um só tempo na dança de um aborígene, na comunhão Huichol com peiete e na transubstanciação. Haverá um sagrado assim? Não o sei; sou apenas voz que clama no deserto, mas virá aquele que responderá. Veja bem: quan-

to a essas questões, sou especialmente digno de descrédito. Estou condenado a mudar sem fim meu olhar para o divino e estar sempre errado. Terminarei um xamã existencialista, um protestante antropófago ou ateu inconfesso; por hora, estou apenas no início da minha fase de Sidarta errante).

Essa comunhão perene em torno de objetivos imateriais comuns, essa organização mesma da realidade a partir do pressuposto da ordenação do sagrado assumiu formas absolutamente diferentes, sendo, essencialmente, a mesma. Pelo menos até a religião deixar de ser o único índice de explicação, domínio e ação na realidade. Já houve pensadores em todos os pontos do espectro ideológico (de Bauman a Noica) que ressaltaram a situação de ruptura, fragmentação e fragilidade das verdades historicamente assumidas, levando-nos a um ethos com ausência de um sentido geral pressuposto e, como consequência, sem uma verdade compartilhada capaz de unir, em comunidade, os diferentes. Mas nós, ao fim e ao cabo, matamos deus e continuamos a precisar dele; com que dificuldade uma espécie que passa dezenas de milhares de anos organizando a vida coletiva em torno das divindades simplesmente abandona essa ordem para viver só! Um anti-filósofo já alertou: se quiseres depor deus, deves tornar-te tu o próprio númeno. E, como não so-

mos capazes (ainda?), os impulsos de conexão comunitária, os desejos de ser maior, ser outro e, ainda assim, si-mesmo, herdados atavicamente da nossa própria natureza enquanto espécie e da nossa constituição enquanto seres de cultura, não podem ser simplesmente ignorados, tal como não podem ser nossa agressividade e sexualidade ontológicas. Temos uma paixão pelo rebanho, pelos heróis e salvadores, pelas narrativas de regeneração coletiva e de batalha do bem contra o mal porque tudo isso nos faz crer que participamos de algo maior (além de repetir as histórias eternas que fazem do ser humano o que ele sempre foi).

A solução de nossa era, pelo menos no Brasil, é uma transmutação de valores que poderia parecer impressionante, não fosse a trajetória espiritual do nosso país. A política assume ares de religião, e a polarização toma a feição de guerra santa — e não falo isso apenas a partir de uma observação rasteira, que vê, com justeza, a paixão e entrega dos combatentes de cada lado na defesa de seus ideais. Há uma transmutação mais profunda, estrutural. Observe-se, antes de tudo, a moral, senhoras e senhores. Não era a religião a instituição responsável por oferecer a fundação da moralidade, base da vida comum? Pois agora, o certo e o errado não são definidos a partir das interpretações dos códigos bíblicos, e sim de

orientações políticas. Não são apenas duas ideologias em disputa, mas duas formas fundamentais de produzir ou resgatar certas moralidades e processos de coação para conversão às normas. Eu não poderia jamais descrever exaustivamente e em detalhes cada uma dessas formas de moral em sua substância e sua prática, mas o princípio de onde partem é razoavelmente evidente e, também, fundamentalmente calcado na nossa vida espiritual: não são dois polos políticos apenas, são dois messianismos que se colocam em disputa — um deles prometendo o fim da corrupção, a limpeza, a ordem e a segurança, valorizando o trabalho individual, e outro, a justiça social, a integração de todos os brasis, a inclusão e o trabalho coletivo (assim se vendem; mas as nações que precisam de heróis estão sempre fadadas à decepção). Essas narrativas assumem o tom de algo maior do que a política, identificando um inimigo comum que necessariamente precisaria da união das pessoas para ser combatido — o fascismo ou o comunismo, entre outras variações. E criam comunidades, sacerdotes, liturgias próprias. Se você já recebeu o batismo de uma delas e ousar dar passos fora do círculo delimitado, receberá rótulos como “fascista” e “petista” dos seus próprios pares; estará “fazendo o jogo da direita” ou “esquerdizando”; e será humilhado, corrigido, chamado a confessar seus pecados

e voltar atrás em contrito arrependimento — Oh! que o pai não quer a morte do pecador, mas do pecado. Afinal, que ousadia e pretensão pode ter algum mortal de discordar, ainda que levemente, dos delírios mais íntimos da turba que o acolheu? Quem poderá se dar ao luxo do pensamento autônomo e individual em uma época de tanta carência, tanta necessidade do outro? Ah, se fosse possível repensar a política sem a insistência ilimitada dos pares, dos confrades, dos companheiros e patriotas em seus arroubos pelas redes, pelo WhatsApp, pelas frases de efeito que se constroem margeando os dois lados do rio da história. Se pelo menos nossos iguais ideológicos não fossem também nossa comunidade, onde criamos e despertamos expectativas, experimentamos vários níveis de socialização, construímos nossa identidade dentro dos quadros possíveis e nos voltamos para um projeto comum, unitário, que restitui ao menos algum sentido para a existência! Como são doces os anúncios da Boa Nova, no Facebook ou por mensagens de texto, que reforçam aquilo que todos sempre souberam: os líderes são puros, são fortes; estão em luta por nós, pelo reino dos homens e sua justiça. E como nascem, de cada lado, bastiões da moral e falsos profetas! Bússolas de comportamento e ação e desmascarados, traidores, falsamente castos ou desconstruídos! A defesa da integridade

da fé deve ser posta à frente de tudo, inclusive do exame da realidade.

Por tudo isso, a polarização se fez o fenômeno mais importante do Brasil, tornando seus dois lados surdos à razão. Esse espectro rondou e definiu as eleições de 2018 — ou alguém irá dizer que o segundo turno foi entre Haddad e Bolsonaro, e não entre duas rapsódias messiânicas que ultrapassavam, em muito, seus dois representantes? Quando o PT se arroga como a maior força política do país, ele está completamente certo, embora isso não seja necessariamente elogioso: petismo e antipetismo, a insistente reafirmação contra a negação plena e tosca são as decadentes forças a que está entregue a nação.

Há ainda um toque final, responsável definitivo pelo agora — aqui, é preciso ir com calma. Foi neste momento em que minha adolescente cidade tornou-se o centro do mundo.

6 de setembro de 2018. Sobre esta data, começo com o relato de um jovem amigo que percebeu precocemente a necessidade da mordida no real — um amigo cuja identidade preservo, e que decidiu acompanhar a marcha de Jair Bolsonaro pela rua Halfeld na sua visita. Ele não era eleitor, tampouco simpatizante dessa figura, mas respirou fundo e, em instintiva participação observante, integrou-se à massa insólita que por todos os lados gritava e premia. O messias, com

seus sorrisos e acenos, tocava mãos e distribuía bênçãos. Seus seguidores exultavam, pulsavam em excitante e violenta alegria, aos gritos, em louvor. E este jovem, Malinowski de si mesmo, sentiu no íntimo que não estava só; sentiu que participava daquela coletividade em que todos pareciam se gostar e respeitar, em que o mais essencial — os valores espirituais projetados sobre um homem comum — era igual para todos. Teve vontade de gritar, de louvar, de regozijar com aqueles que, seus opostos, eram então seus pares. O ritual religioso já havia começado (e quantos podem resistir à acolhida da tribo, aos delírios coletivos em torno de algo maior? Nessa era de solidão e miséria dos encontros, com que forças podemos recusar a chance de bradar em comum espírito — Saturnais! Sabá negro! Comunhão!) Poucos minutos separam esse evento de seu ápice; entre a Halfeld e a Batista, uma criatura inesperada, que rondava o cortejo de um lado a outro em busca de espaço, rompe o cerco que isola Bolsonaro e golpeia-o com uma faca (Adélio, o desequilibrado; será esse o acaso mais estranho e mais definitivo da história do Brasil?). Neste dia, minha cidade adolescente alcançou sua maturidade e tornou-se o centro do mundo: em uma esquina de Juiz de Fora o ponto mais alto da narrativa messiânica, o sacrifício, é escrito.

(Todas as semanas como um pastel com um café no epicentro de tudo, *axis mundi*, precisamente na esquina que por hora sela o destino dos mundos. É possível sentir ali a história, é possível quase tocá-la; como um evento como esse pode acontecer tão perto de nós e desdobrar-se para o mundo inteiro? Alguém poderá dizer que Bolsonaro seria eleito mesmo sem a fachada, e eu deixo essas elucubrações para quem as quiser; o que temos é um governante poupado dos debates pela população e erguido a um patamar quase espiritual pelo “sangue derramado” em campanha pela presidência, ou seja, pela regeneração do povo brasileiro. Vencido o pleito, de quantas questões fundamentais até agora não temos sido o fiel da balança — ou aquele que rouba no peso? A pressão internacional contra a Venezuela. A questão internacional do Petróleo. A preservação ambiental, a agricultura, o tratado de Paris. A posição na guerra comercial e na questão palestina. Cada ato e afirmação estapafúrdia que altera a política internacional vibra magneticamente com o centro do mundo, onde as gentes rezam, sobrevivem e comem pastel)

Os fios extremos dos dois lados são obrigados a cruzar esse evento, lendo-o e recriando-o como farsa do candidato ou atentado orquestrado pela esquerda. E eis um claríssimo exemplo de como o exame simples dos fatos simplesmente não existe

nos polos. É de Paulo Freire o ensinamento de que a leitura do mundo precede a leitura do texto, mas esquerda e direita subvertem a fórmula para fazer do discurso a lente para enxergar o real. A força das nossas convicções não vem, de muito, da sua exatidão diante dos fatos, e sim do seu apelo à emoção, às crenças pessoais, à narrativa que te contempla. E, em tempos de desconfiança sistêmica, jornalistas, influenciadores, celebridades e cientistas têm sua autoridade submetida aos ditames de cada turba — porque você irá desconfiar de todos e sempre, mas não da sua *comunidade*. Não daqueles que comungam contigo do ideal de um mundo melhor, sem corrupção ou sem miséria, que povoam seus dias com a reafirmação do mesmo e a manutenção da narrativa. Temos tamanho apreço pelo rebanho que o formamos por nós mesmos, cegos guiando cegos guiando cegos.

Ainda não disse claramente no meio disso tudo qual é minha posição política, nem vou dizer agora. Preciso antes de algumas considerações preliminares. A primeira delas: é pela literatura e seu olhar que enxergo os políticos, e quem mais profundamente ensinou-me sobre este país foi Machado de Assis, psicólogo profundo da alma brasileira. Em Machado, o desenrolar dos fatos — inclusive e, talvez, principalmente políticos — deve-se não só a fatores sociais, cul-

turais ou externos, mas está decisivamente preso ao teatro das vaidades humanas. Ah, quão machadianos são os ex-senadores investigados que desceram à Câmara para não perder o foro, o juiz interiorano que se amiúda ao ser colocado junto aos poderosos, o governador agraciado com uma medalha que prometeu extinguir! Sem seus olhares, suas entonações, seus desconcertos será sempre impossível entendê-los — aliás, não se pode entendê-los senão como *personagens* (tal qual nós mesmos), construindo no tempo e no espaço o enredo do agora, profundamente brasileiros, profundamente como nós, com obstinações, medos, frustrações e ressentimentos, sonhos sufocados e em vida, mostrando uma face pública e deixando escapar, para o nosso deleite, o íntimo e profundo. É nessa trama, digamos, *espiritual* do país que se decidem, à revelia da incredulidade dos mais sãos, presentes e futuros.

Por essa e outras razões, meu principal interesse diante de um político (e de qualquer pessoa) é seu compromisso com a verdade (e esta é minha segunda e última consideração, em que me estendo). Que palavra forte, verdade! O que ela quer dizer, afinal, na era dos fatos negociados e da verossimilhança de rebanho? Vou dizer minha forma de vê-lo, o melhor que posso fazer: há duas dimensões da verdade; uma delas é clara e objetiva e é apreendida ao cotejar fatos e núme-

ros com as palavras — posso dizer que o nióbio tornará o Brasil rico, mas a demanda internacional do metal e seus preços atuais mostram a falta de senso dessa afirmação; assim como é possível defender um desenvolvimento nacional sem medidas de responsabilidade fiscal, mesmo com números negativos saltando aos olhos. Algumas dessas inverdades são complexas, pois exigem conhecimentos técnicos para serem reveladas e entendidas, enquanto outras são claras e evidentes; nos dois casos, há quem feche os olhos e se finja de cego, surdo e mudo: só lhe ferem os sentidos os ruídos repetidos da turba, e nada mais.

A segunda dimensão é, para mim, completamente subjetiva, marcada nos olhos e nos gestos, na firmeza da expressão, na manifestação de um “ver o mundo” que é totalmente próprio — a verdade é a emersão de um discurso de si mesmo. É verdadeiro aquele que estende a todas as faces da vida a própria medida e constrói para si uma coerência interna (por vezes inapreensível, de fato, a quem dela não participa) que organiza o real em narrativa pessoal. Essa verdade não é dita de uma única vez, mas paira sobre uma existência, constrói uma aura de força em torno daqueles que a desenvolvem e se desdobra em estalos, discursos e movimentos, todos respondendo a uma potência única. Veja bem: aqui, a correlação direta entre os fatos e o discurso é *secundária*,

sendo a marca essencial dessa verdade a crença absoluta de quem fala nas próprias palavras e atos, dobrar-se a si mesmo e ver, de si, o mundo. Não sei se me faço entender.

(Minha impressão é que essa verdade se sente, se percebe no ar, na força moral do sujeito, na energia da fala e dos gestos. A energia da verdade é sempre um golpe. Nas centenas de milhares de anos que separaram o primeiro grupo de *sapiens* de nós, quanto nos afadigamos e esforçamos para contornar, esconder ou conhecer a verdade! Imagino que na aurora de nossa espécie fosse mais fácil percebê-la nos amigos e inimigos; o faro apurado de quem reconhece no ar o cheiro da comida, a sensibilidade que os animais têm para perceber o medo ou a violência, o costume necessário de dedicar-se ao exame minucioso das faces e dos corpos são capacidades que lançamos ao fogo — muito foi perdido para alcançarmos a era dos smartphones e da produção globalizada. Como as espécies de aves que perdem a capacidade de voo nas gerações seguintes após colonizar um local sem predadores. Contudo, tanto a nossa aura vigilante quanto algumas habilidades de reconhecimento devem poder ser desenvolvidas, redescobertas quando auscultamos a nós mesmos — não têm, alguns, maior, digamos, sensibilidade para distinguir falsos e verdadeiros profetas? Se há, de fato, forma de fazê-lo, é parte

fundamental do processo o questionamento de si: quantas pessoas resistem ao exame atento de si mesmo, auscultando a verdade dos atos, falas e pensamentos, sem mudanças? Isso seria desumano. Estando nós fadados a entender a realidade a partir de ficções coletivamente compartilhadas e categorias de organização do real, a alteração do nosso entendimento dessas categorias e ficções, das relações que elas tecem entre si inevitavelmente leva a tremores — daqueles que podem derrubar edifícios inteiros. Essa fragilidade da nossa casa mental nos leva a criar escudos, proteções e, em vez de nos alimentarmos daquilo que não somos e não sabemos, ignoramos todo fato, ato ou ideia que coloque em xeque as bases fundamentais do “eu” cuidadosamente construído. Pois bem. Exige-se, portanto, a inquisição severa e sistêmica de si mesmo; o deslindar dos desejos profundos, ódios, projeções e expectativas; o encontro e o matrimônio com o próprio abismo — todos temos encontros casuais, às esbarradas, com nosso abismo interior, mas estou a falar de encará-lo de frente. Olhá-lo até que olhe para você, e descer-lhe às profundezas, sem raiva ou desprezo de si mesmo. De lá, não é possível prometer a ninguém que irá voltar melhor ou pior do que se é. Quem descer, voltará *como bem entender*. É precisamente essa potência de escolha que nos espera em nosso próprio íntimo que tan-

to tememos? Mas quando o abismo é constantemente revirado e nos vemos performando um papel sem importância no teatro das vaidades — não é tudo vaidade debaixo do sol? — a verdade emerge compulsória: quem é livre na verdade, não tem escolha. A maneira como ela se expressa — nos olhos, nos lábios, na ponta dos dedos — é que pode ser apreendida por nós, não como um iceberg cuja ponta vislumbramos, mas como um pedaço de um vaso antigo ou pederneiras em um sítio arqueológico, a função de cada item indevassável senão por quem intui a economia das formas de vida. Se ainda não for claro o que quero dizer, resta-me um exame daqueles que dedicam a própria vida a construir, de si, uma verdade a ser conhecida. Os mais evidentes exemplos, os casos-limite, são os santos e os loucos; mas sobre esses me eximo de comentar, talvez pela distância que guardo de um e a proximidade exagerada do outro, de balde eles mesmos estejam tão rentes entre si. Penso aqui no artista. Em comum, essas três figuras mitológicas da nossa vida espiritual guardam como característica *fazer sempre o mesmo, falar sempre as mesmas coisas*. Obviamente que não se trata da repetição triste e sempiterna que torna a arte hoje sempre a mesma, mas sim da *expressão permanente do que é único*, em facetas redesenhadas, cenários descobertos, possibilidades que não foram. Vejamos: ninguém,

ateu ou fervoroso cristão, poderá negar que Jesus disse *sempre o mesmo*; em todos os seus atos e palavras, o sentido *sistêmico*, totalizador da sua verdade se manifesta com a espantosa coerência de quem não pode fugir de si. Os artistas de alma grande fazem o mesmo: debruçados despreocupadamente em seus próprios abismos, tiram de lá e não se sabe de onde os elementos para sempre dizer e mostrar as diversas facetas de si, sempre o mesmo porque totalmente outro a cada piscar de olhos. O artista, nesses termos, enxerga a si mesmo por vários olhares e multiplica-os para enxergar tudo mil vezes; e quando, ao longo de uma vida de autoinquisição, compõe canções, narra os dias correntes, ilustra as catacumbas de suas mentes, organiza um conjunto de achados arqueológicos que jamais poderão permitir a alguém compreender perfeitamente as sutilezas da sua verdade, mas que arrastam a audiência a um mundo da *potência* de si mesmo, da possibilidade da verdade. Todo grande artista nos acossa sistemática e impiedosamente a nos tornarmos o que podemos ser ao fazer tremular sem medo o véu que esconde o que está esquecido. Ou muito me engano, ou posso estar simplesmente descrevendo Wendell Guiducci ou Sérgio Pererê. Pois bem. Já basta deste parêntese)

Partamos de exemplos que todos conhecemos. Interesse-me significativamente por Cabo

Daciolo, o rapsodo. Entre os presidenciáveis de 2018, não havia ninguém com uma verdade tão intensa, tão pura quanto ele — não no sentido concreto, obviamente, de que a direita maçônica e os membros da URSAL conspiram pela danação do país, ou seja, suas afirmações, em larga medida, não resistem ao cotejo com os fatos, e a dimensão objetiva, por assim dizer, da verdade não se mantém. Mas a dimensão subjetiva é tão grande, tão intensa que não se pode escapar à sua beleza. Em nenhum instante qualquer homem ou mulher de boa-fé colocará em dúvida a absoluta crença de Daciolo em si mesmo — em sua forma de ver Deus, o povo, o pobre, a nação brasileira. Fala com carne e espírito, por dentro, como quem sabe exatamente o que precisa ser dito. Seria possível alguém ouvi-lo honesta e sinceramente, sem a presunção da zombaria, sem ao menos ser tocado pela sua verdade? Não se pode vê-la nas marcas dos seus olhos, na volúpia dos seus gestos, na entonação profunda, nas formulações surpreendentes e na plena certeza do cumprimento dos planos de Deus? É possível que sua mente tenha se parecido por vezes à de Alexandre, o Grande, tão impetuoso e vitorioso que não seria absurdo se ele mesmo se considerasse um deus — e daí se depreendem os riscos evidentes dessas verdades intensas, grandiloquentes e sem necessária mordida no

real. Do outro lado, tomemos Fernando Haddad, munido de números e eventos dos governos petistas. Ninguém poderá dizer que era mentira todas as vezes — e foram infindas — que Haddad enumerou os campi construídos, o aumento no número de vagas nas universidades, a redução da extrema pobreza e da fome e todas as conquistas sociais de 13 anos de governo. Mas, ao mesmo tempo, ele não falava a *verdade* — não a dizia simplesmente porque não era possível; ao ser acossado, questionado sobre os temas candentes e problemas do partido, ele se via obrigado a repetir a mesma ladainha, real, é verdade, mas insuficiente, pois era evidente que não havia ali um Haddad verdadeiro descrevendo um mundo que ele organiza subjetivamente (não que necessariamente dissesse mentiras; a incompletude é às vezes mais inimiga da verdade do que o falseamento proposital). Se duvida, assista novamente aos debates e veja os olhos baixos de um Haddad premido pelo programa de um partido muito maior que ele mesmo, por orientações e direcionamentos que não lhe falavam à alma, incapaz de fitar longamente seus contendores — Haddad candidato à presidência, não sendo de verdade, foi uma pálida imagem do ele de fato é. E essa incerteza, esse passo vacilante diante do próprio discurso acaba por ser uma de suas maiores qualidades humanas: bem-aventurado aquele que

vive o desconforto na inverdade, na incerteza, pois este se regozijará na palavra verdadeira.

Bolsonaro, por sua vez, jamais se preocupou com a verdade em nenhum dos seus aspectos. Suas falas são retalhos de pensamentos, fragmentos de análises pobres que, se têm algo da mordida no real, é apenas parcial e nunca sistêmico. Para ele, é fácil trocar de discursos de uma hora para outra, mudar preferências e opiniões, porque nada do que pensa compõe uma interpretação global da realidade (excetuando, é claro, um conjunto de crenças datado e reacionário que, em si, de consistente, só encerra o desespero do avaro diante do novo). Há de se perguntar, inclusive, se ele tem o mínimo da sofisticação do pensamento necessária para isso. Sua coerência diante dos eleitores e da população não tem nada a ver consigo mesmo: ele estará fadado a ser sempre agradecido ao partido dos trabalhadores por alçá-lo, com o ressentimento e as torpezas que deixou, ao posto mais alto do executivo no país. Lula não. Lula é dono de uma verdade (em que lhe pesem as críticas e as acusações, mas, oh, acalmai! Sobre ele, seria possível escrever um livro inteiro — qual millennial, de qualquer lado do espectro ideológico, não poderia escrever um livro sobre Lula? Talvez eu torne a isso; fiquemos, agora, com a verdade). O messias da esquerda tem trunfos imensos: uma mordida violenta no

real, na vida do brasileiro comum e sucessos em um projeto de país menos desigual. Diferente de Haddad, mobiliza essas ideias com garbo e fineza, unindo fatos e meias verdades quase de maneira indistinguível (não fosse possível consultar dados, fontes, pessoas, dificilmente seria lícito desacreditar este homem, cujo vacilo diante das chibatadas dos contendores não dura um átimo). Contudo, não é a verdade objetiva que levanta Lula para além dos demais, mas a potência da verdade que produz — o vigor e a coerência que permitem a ele algo tão raro e mesmo impossível aos outros, *a certeza daquilo que se diz*. Essa certeza pode ser contestada com números e com fatos, mas a potência dela não está nisso, está na forma como vibra no peito do brasileiro comum, na maneira como resume suas inquietações, preocupações e sonhos; na forma como se tocam a vivência na pobreza com a capacidade única de fazer política. Nossa literatura fez um retrato dos diversos homens e mulheres dos tempos de agora e passados, e Ciro, Bolsonaro, Haddad, os ministros do STF e muitos outros podem ser conhecidos espiritualmente nas páginas de um Machado de Assis. Lula não. Nossa literatura ainda não foi capaz de produzir um caráter como o dele. Para o bem ou para o mal, ele é, agora, vórtice e propulsor das maiores e opostas forças políticas do Brasil com uma verdade que embala, embalsama

o real (e aqui faço um par de confissões: eu não escolheria Lula presidente por razões que, talvez, estarão claras até o fim deste opúsculo; mas não posso negar que sou atingido subjetivamente, em caráter espiritual, toda vez que o vejo falar. Lula é monumental, e sua imensidão cria a falsa e perigosa impressão de que é infalível).

(Mais um parêntese: a realidade política é narrada, machadianamente, por narradores não oniscientes, de todos os matizes, como um livro sistematicamente escrito, interpretado e reescrito em fragmentos por vozes diversas. O acesso a esse real é então mediado pela nossa relação com esses narradores, se os frequentamos, qual nossa expectativa e crença em cada um, como dialogam com as turbas. Com informações justapostas e conflitantes, fazemos a nossa própria versão do real, sempre incompleta. Por isso ir ao outro é tornar-se maior e ver mais)

Para bem resumir, então: não estou preocupado apenas com índices macro e microeconômicos, oscilações no mercado global, crescimento do PIB, tampouco somente com redução da desigualdade, inclusão e respeito às diferenças, cultura e educação (bem o sei que isso já são preocupações demais, mas não é fácil ser um millennial no centro do mundo). Interessam-me dos políticos os gestos e as expressões, as maneiras de tratamento uns com os outros, as escolhas

vocabulares, o medo e o receio nas declarações, o desespero inconfesso no silêncio de quem está acuado, a grandeza de quem assume erros e revê posições, a força dos que falam com verdadeira autoridade, o espalhafato de quem fala sem autoridade alguma, as pantomimas no uso do púlpito, enfim! O teatro das vaidades! Que banquete para alguém como eu as mensagens de juizes e procuradores em conúbio estreito, as incandescentes brigas nas redes sociais com ofensas passionais, as câmeras que captam as expressões e os cochichos nas sessões do Congresso! É tudo isso que nos dá a dimensão espiritual de um Brasil profundo cujo destino está na mão de gente envaidecida, preñhe de ressentimentos, que se arroga como ontologicamente superior pela própria posição e toma para si a representação e a coisa pública. Um país de imaturos governados por narcisistas que encontraram quem alimentasse seus delírios (e é evidente que essa estrutura se repete em várias dimensões e postos, de juizes a professores universitários, de patrões a tiranos domésticos).

Se ainda ficou alguma dúvida de qual é minha posição política, eu resumiria sem riscos: sou *machadiano*, mais interessado em valores profundos do que políticos (na ordem natural, os segundos não emergem dos primeiros?). Por essa razão, em 2018, escolhi Marina Silva, cuja verda-

de era tão intensa que fez Bolsonaro dar passos atrás e Haddad assombrar-se com os olhos no chão (bem se vê que não posso ser acusado de “doutrinação ideológica”, esse chiste que só persiste na boca dos menos equilibrados. Se tentei fazê-lo, claramente não surtiu efeito). Cheguei a ela como simples consequência de como penso a vida, e acabei onde estou porque deixei o ruído da turba para lançar-me em mim; encontrei nos morros de Minas o templo da minha alma e, protegido por eles, *em silêncio*, fui livre para comer dos outros e ser maior. O que isso significa? Creio que somos maiores quando experimentamos mais da humanidade, inclusive, das formas como ela subjetiva racionalmente o entendimento da realidade. Só me interessa o que não é meu; aquilo que me contempla, me completa e ressoa familiar aos meus olhos e ouvidos é sem dúvida amável e bom, contudo apegar-se a isso é escolher ser sempre o mesmo. É no outro, portanto, que se descobre a si, até que nada do que seja humano pareça estranho a nós (disse-me certa vez uma entidade: “todos os homens e mulheres estão dentro de mim”). De que vale a antropofagia se comermos apenas membros da nossa própria tribo? É fecundo este ritual? Ah, assim tem-se apenas a autoglorificação, cobra que come o próprio rabo. Sob nenhuma circunstância se pode comer apenas aquilo que se gosta: o alimento es-

tranho é por vezes remédio, nutriente que o corpo exigia quando ausente da dieta regular.

Será sempre difícil dissociar-se da sua comunidade porque isso pode ser dissociar-se do que ela é capaz de oferecer (especialmente em um país como o nosso, regado a melindre e ressentimento). Em certo sentido, é como se o preço a pagar pelo pensamento autônomo, pela infração à ordem cosmogônica da turba fosse elevado demais para valer a pena. Sobre isso, li certa vez uma carta longa e extremamente profunda de um tcheco a seu pai em que o remetente dizia ser a avareza o pior dos defeitos. Sua observação não era, no entanto, um elogio simplório à generosidade; a avareza a que se referia era muito mais grave e estrutural, um sentimento soez pautado na motivação de homens e mulheres a agarrarem-se ao que têm de forma obcecada, cuja razão profunda é *o medo de ser incapaz de novas conquistas* — a avareza é então o resultado da baixa conta em que temos nós mesmos como *quem faz a própria existência*. Se isso pode ser evidente na economia material de quem conquistou e não quer perder, é necessário esforço maior para enxergar a avareza moral, a avareza do espírito: ela não é apenas uma falha, mas uma doença paralisante. Veja bem: você entra na adolescência, começa a apreender o mundo, escorrega de um lado a outro até formar opiniões, formas de ver a

humanidade e a política, relações com o sagrado e com os demais a sua volta; aos poucos, sua maneira de ser é reconhecida como tal e você passa a ser visto a partir das roupagens que tomou. Anos se passam, relações se intensificam com seus pares e consigo mesmo, as verdades admitidas passam a compor e mesmo engendrar sua forma de ver o mundo, se relacionar e tomar decisões. Finalmente, pode-se dizer: “sou isso, sou aquilo”. Definir-se é um alívio psicológico inestimável. Amealhamos alguns trocados de nós mesmos ao longo dos primeiros anos de consciência e com eles formamos nosso falso abrigo; dali vemos, sentimos, agimos. Há momentos, porém, quando os pontos fulcrais das verdades que construímos são postos à prova, quando números, pesquisas, sentimentos, fatos contestam por dentro nossa forma de ver a vida — e hoje isso acontece com a velocidade imponderável da comunicação em rede. Ora, sair de sua toca e contestar verdadeiramente as próprias crenças não pode ser feito sem custos. Ninguém sai incólume da inquisição de si mesmo. Mas quem está preparado para as marcas que vierem, capazes, talvez, de dar lentes novas para enxergarmos? E se os novos saberes e olhares o afastarem dos seus, criando barreiras de entendimento, fenecendo as palmas da turba e o acolhimento da comunidade? Quanto mais dependente da aprovação dos seus semelhantes

e mais profundamente imerso em fórmulas pré-fabricadas de entendimento do real que não suportam por completo, mais duro será deixar o *sapiens* velho em direção ao novo. Quanto mais alto na hierarquia das fileiras do seu clã, maior a responsabilidade assumida diante da comunidade e, como consequência, a necessidade de dobrar-se sem crescer. Isso tudo porque é perder demais, em uma era de relacionamentos frágeis e verdades em disputa, o caráter autoconfirmatório que só pode funcionar plenamente quando estamos no interior da turba. Além: quanto mais elevados nos consideramos, tomando por base os preceitos morais que engendram nossa forma de ver o mundo, mais difícil é contestar suas bases, pois isso seria lançar a si mesmo, homem ou mulher feita, em um abismo de dubiedade moral que é preciso estar pronto para enfrentar. Essa avareza, uma espécie de miséria da alma, é a *aceitação das migalhas que colhemos como banquete* e, por isso, a reação instintiva às ameaças ao nosso mundo é o sentimento de que é preciso defender nossas migalhas com todas as forças. Elas são tudo o que alguns têm. Quanto a mim, não tenho pudores de perder ou ganhar; tenho comido de tudo e tomado migalhas diversas, formando um bolo essencial que ainda não é síntese e também nunca será (eu pessoalmente espero que no futuro possa ler estes escritos e assustar-me com

quanto mudei, quantas lentes de observação do real ganhei ou depus. Não é razão suficiente para dedicar-se à escrita a criação de compassos de si mesmo, marcos de orientação na nossa jornada terrena? Não sei de vocês, mas de mim, nada que falo deve ser tomado como definitivo. Se ao fim da vida eu tiver me transformado vezes sem conta e puder ser, ao menos, especialista em mim mesmo, terei realizado um feito maior do que a maioria pode esperar).

Enfim, a avareza em permanecer o que se é e concentrar-se apenas nos ruídos da turba nos impede em última análise de construir um discurso interpretativo que realmente abrace o real. Veja-se: parte significativa de quem se considera direita tem desprezo evidente por ciências humanas, vendo a História, a Antropologia e a Sociologia como um mero conjunto de especulações e intepretações pessoais da realidade — o que não poderia ser mais equivocado e intelectualmente sem sofisticação (uma parte chega mesmo a negar a validade da ciência como um todo, mas esses precisam antes de tudo entender do que estão a falar). A esquerda é quem se arroga em defensora dos saberes, da autonomia e do conhecimento; ao mesmo tempo, ela insiste renitentemente a ignorar que a *economia* é também ciência, e se os seus modelos são parciais ou suas projeções nem sempre corretas (como

em qualquer ciência), há regras gerais imutáveis que precisam ser conhecidas para ousar gerir um país. Entender a desigualdade no Brasil como *resultado da intervenção do Estado* é de uma tecnocracia senão burra, vilã; como ignorar trezentos anos de escravidão, o modelo oligárquico de fazer política, a sanha da corrupção engendrada no Estado? (mas há quem creia verdadeiramente nisso; certa vez, um jovem tentou convencer-me de que liberdade econômica era, sempre e necessariamente, bom para os países e, para isso, listou os cinco mais ricos e mais pobres do globo, argumentando que os do topo da lista eram liberais, enquanto os mais baixos eram intervencionistas. Ele esqueceu-se apenas de considerar que todos os mais pobres haviam sido colônias, alguns mais de uma vez, ao passo que os do topo foram seus algozes ou indiretamente beneficiados pela exploração. Quando fazemos economia sem nenhuma outra ciência, ela parece até fácil de se compreender; só não faz sentido). Do mesmo modo, não há aparato teórico e discursivo em nenhuma ciência capaz de reverter o fato de que os recursos são limitados; que medidas de responsabilidade fiscal e austeridade são necessárias em alguma medida, que a definição das prioridades de gastos e investimentos deve ter por base a sustentabilidade em longo prazo (não serei capaz de esquecer jamais a minha despedi-

da das manifestações à esquerda ao final da era Dilma, quando uma conhecida professora passou-me um milheiro de panfletos que ela mesma distribuía, pedindo animadamente que eu os entregasse. Perguntei o que era; ela respondeu-me que não sabia. Examinei os papeis e vi que exigiam o fim de qualquer plano de ajuste fiscal — de fato, ela não fazia ideia do que se tratava. Deixei-os cuidadosamente em um canteiro no centro do mundo). Fôssemos nós capazes de dar dois passos adiante nessas discussões e a atuação do Congresso não seria mais apenas gritaria e negociata; os pontos comuns seriam absorvidos e os opostos, discutidos (de fato, essa sobriedade não é muito convergente com nosso espírito, mas, sem mudarmos, nos perderemos de nós). É preciso admitir que os governos petistas reduziram drasticamente a pobreza, mesmo que se argumente ter sido por vias não sustentáveis, ao mesmo passo que é fundamental reconhecer a importância do plano real e da estabilização democrática nos governos FHC. Você pode continuar praguejando contra o mensalão ou a compra de votos para a reeleição, mas excluir um evento pelo outro é erro crasso em que gostamos de cair. O Bolsa Família precisa ser um consenso entre os minimamente esclarecidos de todos os lados: implantado e expandido por um governo de esquerda, mas sugerido por bancos e pelo

príncipe dos liberais (quem fez primeiro, quem o criou, engalfinhem-se entre si se quiserem decidir; não me importa). Com bom humor e mente aberta, sem preocupar-se em cair nas graças da turba nem em ouvir-lhe a cantiga perene, vemos inclusive que Lula foi um presidente de um liberalismo impressionante, enquanto Bolsonaro flerta com ações populistas e de controle da economia. Sobre Lula, ele mesmo, não se pode dizer que seja inocente (é ao menos culpado passivo de um círculo que envolve muitos outros, não punidos ou investigados); tampouco se pode admitir com consciência tranquila a vergonhosa empreitada de um vaidoso juiz do interior para prendê-lo (ele, entre dúzias), lançando mão das mais brasileiras formas de compadrio e manipulação. Política identitária e de proteção às minorias é de suma importância; orçamento da União fechando ao final do ano com segurança, também. A própria privatização pode ser um crime, como no caso da Embraer, ou uma salvação (como vamos prover saneamento à multidão dos privados de coleta de esgoto e água tratada em um país à míngua sem parcerias público-privadas?). É pela incapacidade moral, intelectual ou performada de reconhecer no adversário político as suas qualidades e suas expressões de bom senso que se torna impossível dialogar; daí questões como a reforma da previdência ou a reformulação da

educação são encaradas como se não houvesse meio termo, e vence quem consegue mobilizar a fatia mais gorda dos congressistas e da opinião pública — era de pastores a cuidar de seus rebanhos!

Esse exercício de impregnar-se do outro e compreender de onde vêm suas ideias exige esforço permanente e nos ensina que há bom senso nos adversários e excrescências entre nossas fileiras. Aprende-se, na prática, mais uma lição do anti-filósofo: só se elogia verdadeiramente o diferente; o elogio ao seu igual é apenas orgulho e autoglorificação. Imbuído desse espírito, faço esforços de conexão; cheguei mesmo ao ponto de ler o chamado “mestre” Olavo de Carvalho. Li-lhe meio livro, apenas; se posso fazer a ele um ou dois encômios, serão: leu muito; sua escrita é belíssima. Mas é só. Olavo, na sua grandiloquência alucinada e na sua referência absolutamente aleatória aos alfarrábios do próprio pensamento, é ou uma alma em patente delírio, ou alguém completamente consumido pela vaidade e ressentimento (uso aqui uma fórmula binária bem ao gosto do suposto filósofo). Sua relação com a verdade assemelha-se mais à de Daciolo do que de qualquer outro. Como pôde uma direita supostamente esclarecida ter se encantado de tal maneira com o “pensamento” de um senhor que é, ele mesmo, criador de uma turba que rejeita o

pensamento? Ora bem. Se a história da exaltação ao nosso diferente for verdade, não posso fazer muito por Olavo; nesse aspecto, o mais sincero elogio que eu poderia direcionar a alguém é para Fabrício Tavares de Moraes, antimoderno à direita, *millennial* no centro do mundo, de quem discordo (quase) tão profundamente quanto admiro.

Nossa flagrante incapacidade para atravessar muros em política, no entanto, não é apenas resultado do nosso medo primevo de devassar as próprias entranhas. A compreensão e o respeito à opinião diversa definitivamente não exige tamanho exercício de autoexame, apenas certa dose de maturidade. Somos maduros? Enquanto pessoas, enquanto brasileiros? (não estou falando apenas dos millennials aqui) Somos maduros quando discutimos nas redes, ofendemos, criticamos a escrita alheia, damos a carteirada do “eu estudei muito isso”, comentamos só pra perturbar; tia e sobrinho se chamam de fascista e comunista, gente cristã cutuca o crente comum do oposto ideológico, pessoas de todo matiz perdem a paciência e brigam com desconhecidos em comentários de páginas aleatórias no Facebook; “Teu cu”, *magnum opus*, resposta suprema, decesso de qualquer discussão. Fora das redes, impera o homem branco que bate na mesa e fala mais alto, o idiota confiante, o que precisa ganhar

no grito pela incapacidade anômala e vergonhosa de entender o mundo a sua volta; impera o homem sem ideias — elegemos um deles nosso presidente (não há aqui um traço fundamental da jornada espiritual que o país vivencia? A questão é: sendo o presidente metonímia do caráter de imaturidade dominante da nação, respaldá-lo e defendê-lo não é unicamente uma questão política, mas uma questão de sobrevivência — porque, redimido um imbecil, estende-se a sua remissão sobre todos os demais. É mais sério e profundo do que o homem que aposta todas as economias em um lance: coloca-se à prova um modo de existir). Essa imaturidade está evidente em nossos esforços hercúleos para nos sentir melhor do que os demais, superiores, *com uma distinção qualquer*: há um prazer desesperado em depreciar o outro, porque quanto menor o tornamos, maior parecemos ao seu lado — ah! Consequência da avareza, nossa miséria moral! Então desprezamos no outro o trabalho, as roupas, a casa, a aparência, o conje, a fala e escrita, o jeito de se portar, a crença ou descrença, a posição política, as convicções morais, a classe social, a raça, a orientação sexual, o gênero, as *selfies*, o estudo ou a falta dele; fazemos isso com amantes, parentes, amigos, conhecidos e desconhecidos, mesmo que os tratemos pessoalmente a pão de ló — porque esperamos unicamente o tempo

de se virar uma esquina (essa nossa inclinação é o nascedouro de tipos insuportáveis nos dois lados do espectro político, principalmente na classe média, um conjunto imenso, difuso e confuso no país: o “remediado”, que paga por vinte anos prestação de apartamento, anda de carro mas economiza a gasolina, tem sempre smartphone e dívida novos no cartão de crédito e olha qualquer um com menor prosperidade como se fosse escória ignorante — gente que ganha dois, três, cinco mil reais e acredita ser o *social climber* contemporâneo, o mais apto, o vencedor; e, do outro lado, o “estudado”, que lê uma dúzia de livros por ano, colhe um punhado de informações picadas na internet sistematicamente e se sente o conhecedor dos mundos, pronto para guiar a humanidade — alguns inclusive assentam reinado entre confrades menos letrados para servir-lhes de facho. Nobre tarefa, a criação de pequenas intelectualidades de feudos). Esse ressentimento cosmológico, essa imaturidade endêmica que nos ensinaram a vasculhar a vida de desafetos políticos para poder melhor atacá-los precisam ser vencidos. Ultrapassar essa avareza não é só fundamental para cada um — que miséria moral viver na necessidade de fazer do outro menor — mas para que nos encontremos enquanto nação, isto é, para atravessar nossos traumas coletivos e construirmos uma existência. Não sei se me faço entender.

A verdade é: o que fomos, o que somos, o que podemos ser estão ligados espiritualmente de maneira indissociável, e quanto mais se conhece o ontem e o hoje, mais livres estamos para o amanhã. Isso vale para nós na vida em família, por exemplo; crescemos sob expectativas e orientações e nos constituímos como integrantes de um núcleo sobre o qual acreditamos saber tudo — e na verdade tudo é escondido de nós. A traição do pai, a temporada de reabilitação de um tio, o aborto da prima, o suicídio de um parente sequer mencionado, a briga vexaminosa do casal querido — essas coisas se descobrem por acaso, em finais de conversa, em momentos a sós, no meio de discussões; a família brasileira não joga na mesa as torpezas do clã, que devem permanecer em silêncio sepulcral porque revirar as feridas, assim pensamos, não faz bem nenhum (Toda família brasileira é digna de um romance; basta apenas quem saiba ler os olhares, as entrelinhas; quem enxergue arqueologicamente as relações dos que nos precederam). Fazemos o mesmo enquanto nação, por uma razão simples: somos nós, nossas famílias que escrevem a história comum. Às franjas do passado escravocrata havia nossa bisavó dona de escravos ou nosso bisavô cativo em fazenda de café; na genealogia de toda família há uma índia que foi “pega no laço” e feita à força cristã e esposa; o pai primordial, dono

e senhor da fazenda completamente incapaz de fazer qualquer coisa sozinho, continua sendo a figura em que depositamos a aura de autoridade. Com que facilidade, nessa nação de estupros e aviltamento, de traições sistêmicas (traições sem fim!), de submissão da vontade e da liberdade dos outros, com que facilidade podemos revirar o passado construído pelas gerações pregressas, nossos pais e mães e os pais e mães deles, sem nos depararmos com um horror que beira o insuportável? (sim, o insuportável porque, se feito pelos seus, se feito ontem, se feito tão próximo, porque não poderíamos nós mesmos fazer? É por isso que precisamos nos afundar nos abismos, aceitar, talvez, o único consenso entre a psicanálise e o cristianismo: somos todos miseráveis pecadores) Por isso tampouco conseguimos reconhecer nossos privilégios porque fazê-lo seria encarar parcelas da nossa trajetória que nos põe em evidência como parte do jogo perverso que se desenrola no país (privilégio não é encontrar o amor da sua vida ou ganhar na loteria; privilégio é aquilo dado como ontológico, herdado, jamais questionado pelo indivíduo; privilégio é entrar nos lugares sem ser vigiado, andar à noite sem risco de assédio; é sua leitura de qualidade que vem dos livros e revistas que sua família pôde prover, sua alfabetização digital de quem teve acesso à rede desde cedo, o funcionamento cognitivo de

quem foi adequadamente alimentado na infância; é trabalhar só depois de formado — e ser formado, ter poupança, comprar droga pelo preço do grama, não ser impedido de fazer nada nem ser preterido por etnia classe orientação sexual. Todo mundo perde parente, dinheiro e oportunidades, todo mundo vive desgraças e luta para sobreviver com sanidade; nem todo mundo nasce branco homem hetero etc para colher os frutos gratuitos dessas condições. Isso não significa que os privilegiados devem sentir *culpa* — até hoje não vi sequer uma vez em que a culpa carregada tenha servido a alguém. O que significa então, exatamente? Ainda não o sei; mas seremos nós os primeiros a inventar uma compreensão). Tudo isso nos afasta de nós mesmos; e esta nação só encontrará a si própria quando nós o fizermos (como, tampouco o sei; sou profeta menor, que anuncia quem virá); a missão maior do *millennial*: tornar sua alma um abrigo. Nisso devemos empregar vastamente as nossas energias. Eis aí. É preciso falar sobre nosso gasto de energias.

Há duas questões, dois problemas incessantemente abordados na história da filosofia e da vida prática que se configuram como especialmente candentes para os millennials e sua frustração, e contemporaneamente (senão sempre) parecem-me completamente conectados: o *desejo* e a sua satisfação, na multiplicidade de formas que se

desdobram na nossa era, e o emprego da *energia*, em ações de curto e longo prazo. Impregnados do espírito do nosso tempo e reelaborados pela potência da frustração de uma geração, são os fatores que nos aprisionam e libertam, que definem nosso agora e nossa história (certo é que há inúmeros fatores outros, externos, para além de nós, que não podem ser alterados simplesmente pela nossa vontade e ação; esses não me importam aqui. Estou falando das mazelas comuns que estão *nas nossas mãos*; ninguém poderá fazer nada por elas senão nós mesmos).

Nossa geração é completamente viciada em *satisfação*, e se refestela frente às inúmeras opções oferecidas na nossa era. Não que tenhamos inventado isso agora; um camponês da Idade Média e um caçador guaicuru tinham, decerto, apreço natural pelo próprio bem-estar. Mas para nenhum deles, e em nenhuma outra época da existência humana, houve vastidão tão incontável de maneiras para acalmar vazios e inquietações. Imaginemos, por exemplo, um indígena litorâneo brasileiro faminto no calor escaldante do verão ao deparar-se com uma abundância de pés de abacaxi. Neles e em outras frutas estará todo o açúcar que consumirá na vida, sempre sazonalmente e nunca todos os dias. Hoje a oferta de glicose alcança quantidades inacreditáveis: quando a queremos, temos todo tipo de regalo alimentar

da industrialização — especialmente almejados na tristeza e na ansiedade.

Mas isso é apenas um exemplo aleatório em torno do principal. Há uma doença na nossa relação com a *recompensa*, e isso não é um diagnóstico social ou filosófico: é bioquímico. Cada pico de insulina, cada curtida em uma foto, cada tragada em um cigarro ou dose de outras drogas, cada orgasmo solitário, cada regalo comprado a si mesmo, cada um dos estímulos insistentes que nos enlanguescem ou colocam em estado de alerta perene é só sintoma da nossa busca incessante por pequenos prazeres, doses mínimas de dopamina e serotonina para continuar caminhando. O comportamento pam-vicioso do millennial sedentário, comprador compulsório, mal alimentado, com sono atrasado e saúde mental em frangalhos cobra seu preço: não há dopamina que seja entregue igualmente duas vezes pelo mesmo estímulo, e o corpo pedirá sempre mais. Tamanhas são as possibilidades imediatas que perdem a cor as satisfações profundas e de longo prazo; tão repetido e espraído é nosso gozo que se torna episódica a verdadeira experiência do prazer. A nossa forma de lidar, então, com o desejo, avessa a adiá-lo ou renunciar à sua satisfação, é responsável por reorganizar a forma como gastamos e gerimos nossa energia. Provavelmente nenhuma geração humana jamais afadigou-se

tanto pelo próprio prazer como a nossa (e que esteja claro, não necessariamente por natural inclinação, mas por possibilidade).

Se somos escravos ou senhores dos nossos desejos, não sei; cada um terá que descobrir por si. A importância capital dessa questão, analisada extensamente na história da filosofia, é marcada no cotidiano da nossa geração viciada em bem-estar. As muitas formas de onanismo contemporâneas são um convite perene à procrastinação, ao adiamento, e uma promessa de satisfação sequencial. Mas qual é o preço da sobreposição dos gozos? Qual o resultado para a alma em busca sempiterna por refrigérios momentâneos? O que pode saber quem preenche de imediato qualquer sensação de falta ou vazio, sem nunca atravessar o vale das sombras, como se fosse necessário sentir-se bem o tempo todo? Não é na ausência que nos conhecemos? Não é explorando angustiadamente nosso vazio, sorvendo lentamente as gotas da nossa incompletude que intuímos nosso caminho para ser plenos — ainda que seja plenamente incompleto, desde que totalmente si-mesmo? É como se nos dedicássemos vida afora a coletar os frutos que caem das árvores ao chão, sem jamais cogitar explorar o pomar, perceber-lhe as possibilidades, cuidar da sua manutenção e continuidade. É na falta e na carência que nos revelamos: é no fundo do abismo, quando nada

mais houver a perder de si mesmo, que se encontram nossos desejos profundos (amedrontadores e incisivos). Enquanto não os encaramos de frente, permanecemos satisfeitos com migalhas que nos esforçamos francamente para coletar — certamente a opção mais simples e garantida: anseios profundos podem exigir uma vida de dedicação, mudanças drásticas de existência, olhares desviados para o desconhecido. Para que não seja preciso enfrentar essa massa confusa em um mundo de estímulo e excitação constante, gozamos gozos curtos e pobres que demandam de pronto os próximos. Como a nossa espécie terminou com perspectivas tão pequenas? Um clichê redesenhado: hedonismo hormonal, triste e autodestrutivo, erigidos para não experimentarmos de frente a frustração.

Nesse circuito de insatisfação e satisfação, dedicamos energia imensa às formas de onanismo que, por sua vez, nos consomem, em seus resultados, ainda mais. É impressionante quão pouca atenção dedicamos à economia e circulação das nossas energias — a única razão da existência, diga-se. Falo desse conceito abstrato e sem definição precisa em sua totalidade — afinal, a energia vinda do sol é a mesma gerada na quebra dos nutrientes no corpo. Duvida? Não é dele que vêm as forças de todas as plantas, alimento nosso e de uma vastidão de animais? Não é essa energia que

se transporta para o nosso corpo quando mastigamos e quebramos carboidratos, gorduras, proteínas? Não é do mesmo lugar que vem a potência do carvão e do petróleo — resultados de uma história geológica que estoca excedentes de energia solar onde menos se espera? E quantos esforços fizemos até aqui para preservar nossa própria energia! Amansamos e amarramos bois a arados, alteramos cursos de rios, enriquecemos urânio, inventamos toda sorte de transportes. Ah, a maneira como gastamos nossas forças deveria ser vista como sagrada. Quanto de nós não é despendido nas arengas inúteis nas redes sociais e em obsessões descobertas todos os dias? Quanto desgaste no cumprimento e na justificativa de obrigações que inventamos para nós mesmos? Quanto perdemos de nós acompanhando como um livro vidas que não falam ao nosso eu profundo? Há um aprendizado que nossa espécie esqueceu: uma baleia jubarte não abrirá sua boca para engolir um enxame de krill em seu caminho a não ser que seu tamanho seja suficiente; caso contrário, o seu gasto de energia será grande demais para um resultado inócuo. Nossa geração expande braços e mandíbulas, esperneia e enfrenta o risco por nada, em gasto de forças que se dissipam, mordiscando, desesperada, lascas de prazer. Como ousamos, cada um de nós, despendar nós mesmos insistentemente sem enxergar

o que estamos fazendo? Ainda não percebemos que vamos todos morrer?

Há, nisso tudo, uma dimensão importante a ser considerada — a dimensão do espetáculo, definidor dos desejos comuns, vórtice que consome a energia. Das telas de televisão para as redes, o espetáculo é agora não só a síntese das aspirações, mas uma estratégia existencial. Se já era nele que se concentravam as imagens dominantes do desejo, que faz cada um negar a si próprio e ansiar avidamente por todo tipo de lanterna e quinquilharia, neste momento milhões de produções-de-si-mesmo são testemunho inelutável do espírito do tempo. Polo de emissão aberto e smartphones com câmera na mão: tem-se um novo mundo em que qualquer um pode se construir enquanto show ou narrativa. Certa ingenuidade otimista poderia crer que, daí, passamos a tomar nas mãos a produção e o consumo de conteúdo; mas, aí de nós, apenas multiplicamos nichos diversos, cada um com suas regras e procedimentos implícitos para a plena participação no espetáculo. Não se pode dizer, é certo, que os influenciadores das redes sociais se destacam pelas suas diferenças; ao contrário, a semelhança dos modos de compor as narrativas — do corpo, da ideologia, da vida — é o que garante a continuidade do show. E é esse o anseio de multidões de jovens inseguros: ser ele mesmo protagonista

e produtor do espetáculo da própria existência — e trabalhar incessantemente para postar algo que valha a pena ser dito ou mostrado, construir uma plateia e afadigar-se por curtidas e interações como quem implora uma côdea de pão a um passante que siga. Já não se trata apenas da busca por aprovação, mas pela confirmação de que a própria vida vale a pena ser vivida.

Estamos conectados, em média, nove horas por dia à internet. Quase metade da juventude em idade escolar considera o celular seu melhor amigo. Jovens mentem para os amigos para não saírem de casa e ficarem conectados. Não é uma mudança trivial: vivemos uma revolução sem paralelo nos modos de socialização em escala muito mais veloz do que qualquer mudança experimentada até agora. Nas redes, somos donos de nosso próprio espetáculo e temos controle das conversas que travamos: é possível parar, pensar, refletir, fingir que não se viu, escolher entre diversas versões, desistir de postar, ofender e pedir desculpas sem olhar nos olhos, gozar sem se relacionar com ninguém (e poucas coisas são mais viciantes do que essa falsa sensação de estar no controle de algo, sem ter de reagir a comentários intempestivos ou abordar os amores frente a frente). Por isso via de regra nosso espetáculo é formado por imagens maiores que nós mesmos, de vitórias e belezas, requeitando recordações

ou construindo quadros para lembrar como a vida tem acalanto e ventura. O que se vê aqui é a distância entre “sou” e “quero-ser”, ou entre “sou” e “preciso ser”? A resposta a essa pergunta vale uma geração.

O que é óbvio (e somente o óbvio me interessa) é que não há multiplicação da liberdade, autonomia e criação com a abertura da emissão, mas o cultivo lento e poderoso de novas obrigações. A primeira e mais grave delas é própria a participação do espetáculo, ora plateia, ora protagonista, em suas múltiplas variações e regras; todas as outras são decorrentes desta. Para alcançar a adequação, é preciso conhecer um mundo; e este mundo é prenhe de fotos profissionais, edições impecáveis, rotinas de gente rica, corpos com anos de exercício e procedimentos, viagens, festas, eventos, alegria. Como, oh senhor, posso eu ser um espetáculo sem tudo isso? Eis que nascem então necessidades inúmeras a serem seguidas — não por real precisão ou escolha, mas pela força e volume com que se agigantam, como mensagens de bem viver da comunidade digital; e crescem os *millennials* e seus irmãos mais novos cada vez menos capazes de definir as próprias prioridades, gastando suas energias intempestivamente e sem resultado.

Neste universo de perverso e ilusório controle, estamos conectados aos nossos supostos

semelhantes. Consciente e inconscientemente, erigimos nossas bolhas de informação, onde consumimos conteúdo, ideologia, notícias falsas e verdadeiras. Nelas escolhemos os desastres e os crimes mais dignos de nota e os reproduzimos à exaustão, performando incessantemente julgamentos, narrativas e indignações em catarses com tom de esperança e combate ao mal. Ah, como parece que somos maiores, juntos em verdadeira e potente comunidade, criando laços, mudando o mundo, cuidando da nação! Nasce espontânea a vontade de louvar os heróis comuns, sair em defesa deles com retórica e ofensa, brigar comentários adentro com o condão dos seus pares. Nasce a meritocracia de rebanho, cujos heróis são exclusivamente os mais seguidos, curtidos, comentados e badalados, organizadores de um mundo que devemos seguir. Sufocados pelo alinhamento automático e pelo perene burburinho da turba (o anti-silêncio), amesquinham-se as chances de se construir uma existência própria (se retorno a isso, é por força de necessidade; bem se vê que, o tempo todo, estou a falar das mesmas questões).

O mundo em que cresceu o *millennial*, em que a informação, a comunicação, o contato são possíveis de forma instantânea, as ferramentas mais poderosas são usadas para o gasto insensato das energias e criação de imagens perenemente

positivas têm como evidente consequência uma noção de tempo muito particular. É impressionante, senhoras e senhores, como consumimos horas a fio dos dias em ócio onanista, e somos incapazes de aceitar as conquistas são resultados de anos de esforço. Ah, o millennial, que quer ser promovido em um ano e mudar de vida com um encontro de fim de semana. É bem típico da nossa geração as promessas de transformações drásticas, embora o controle do espetáculo que cada emissor detém permita que só os frutos (falsos ou não) sejam expostos. Ficamos encantados com a velocidade e, principalmente, com períodos definidos — perder sabe-se lá quantos quilos em um mês, trincar o abdômen em seis semanas, ganhar não sei quanto na bolsa em um ano, aprender a falar em público com 30 horas de aula, resolver seus conflitos mais profundos em quatro sessões de constelação familiar, em cinco de *fucking coaching for life*, em doze de theta healing ou o que mais inventarem. Em nosso país, sempre valorizamos mais o talento do que o esforço (uma estupidéz criminosa), mas a nossa geração, em alguns casos, assume que o esforço não vale nada; se não nascemos com um “dom”, uma inclinação, não há nada que se possa fazer (e se nascemos com o dom, ficamos presos a ele; porque o estudo, o esforço para melhorar? Se canto, pinto, escrevo e recebi as primeiras palmas juvenis em

tenra idade, repito meus dotes enquanto ainda aplaudirem. Cessada a manifestação da plateia, torno-me mudo; não se cogita o progresso lento e dedicado, o exame contumaz de si mesmo, a expansão em direção ao outro — porque aí! como é bom sentir que somos suficientes!). Essa maneira vivenciar o tempo é incrivelmente antinatural, embora nossa geração veja isso como contraintuitivo. Ora: quanto tempo foi necessário para que a humanidade chegasse ao estágio atual? Eva, a mãe de todos os homens e mulheres vivos, copulou ardentemente com multidões de sapiens há 200 mil anos; sua prole povoou toda Terra. Da pedra lascada ao domínio do bronze, quantas de seus descendentes não sobrevieram, passando à frente mudanças genéticas, filhos hibridados, subjetivações do real e procedimentos práticos? Quantos milênios entre a primeira percepção dos ciclos das plantas e a opção pela vida sedentária? Quantas eras entre o primeiro ritual e o nascimento do Cristianismo? Ah, a nossa história é lenta, e lentas são as transformações mais importantes da vida (não se pode admitir mais qualquer filosofia, inclusive, que não tomar em consideração o tempo biológico, muito além do átimo que é a vida humana. Cruzam a África multidões de gnus há mais de dois milhões de anos; os dinossauros dominaram o globo por 160 milhões de revoluções solares. Há

certo pânico quando tentarmos enxergar a realidade a partir dessas medidas; mais angustiante ainda é operacionalizar com o tempo geológico — são bilhões de anos, medida praticamente incompreensível por nós, para a vida sair do mar, formarem-se camadas de proteção, forjar e quebrar pangeias. Não é admissível pensar sobre o humano desconectado da sua dimensão diante do pacífico e implacável desenrolar das eras que nos ultrapassam).

Lenta será também a nossa redenção (alguém precisará assumir responsabilidades no meio do caos — quais responsabilidades? Cada um descobrirá. Mas nossa geração não poderá fugir a elas; somos, nos próximos vinte anos, o maior contingente populacional da nação. Desde que siga o seu rumo natural, nunca mais haverá tantos jovens no país. Sempre ouvimos que o Brasil é o país do futuro, mas calamos que o inventor desse mito de fundação suicidou-se em Petrópolis. Só existe o agora). Como pode ser apressado o encontro com nosso abismo, nossos traumas coletivos, nossos vícios festivos? A emersão do que não se sabe? A metanoia dos santos é sempre longa e tortuosa; por mais que Agostinho se esforce por deixar entrever nas suas confissões que sua conversão foi instantânea, idas e vindas com a fé marcam sua trajetória; Francisco foi visto em alterações com o pai nas ruas de Assis antes de

reerguer os templos em ruínas; Merton buscou-se na religião, na política, na arte e onde mais podia em anos de sucessivos encontros consigo; Paulo esteve seus três anos no deserto antes de adentrar definitivamente as fileiras dos pregadores cristãos; Sidarta (o de Hesse) é a grandeza de uma vida a se descobrir em plenitude. Se esses levaram anos e décadas para encontrarem consigo, com que arrogância o faremos na velocidade que conhece o *millennial*. As maiores apostas da existência não são em lances pontuais do acaso, em oportunidades repentinas; nada é mais valioso do que o tempo e a energia que dedicamos sistemicamente a um desejo — apostar alto é investir a si mesmo. Será lenta a digestão da frustração, a redefinição das expectativas, a parte que nos cabe nesse latifúndio. Mas venceremos. Ainda não vivemos o suficiente para transformar a frustração definitivamente em ressentimento; entre os mais antigos, os que já viveram muito, alguns assentaram as bases de uma forma de vida baseada no ressentimento. Não tiveram tempo, energia, coragem, possibilidades subjetivas de superar suas misérias. Nossa geração é privilegiada: sabemos que estamos em frangalhos, que estamos perdidos. Sabemos ou não sabemos? Essa pergunta vale uma geração. Afinal, como se pode querer consertar de salto o mundo, transformar-se em um estalo, inventar o amanhã? Um

profeta da minha cidade já revelou: “A evolução é mais perigosa que a revolução”. Não se pode esquecer que raízes profundas, estendendo-se por décadas, séculos, pode derrubar qualquer estrutura pelos seus alicerces. Ela é dinâmica e incerta; cada nó se desdobra em mais nós em mais nós em mais nós. Eles se tocam confundem afastam e fixam na terra criaturas vivas gigantes, capazes de permanecer de pé por gerações. Mas cada parte sempre se mexe. Ninguém precisará agitar-se, afadigar-se em movimentos impetuosos, impropérios propalados, arengas digitais que terminam no mesmo lugar: é preciso mover-se, lentamente, em silêncio. Interromper os ciclos de retroalimentação de forças que claramente nos conduzem à pequenez — ciclos que se alimentam às expensas da nossa valiosa energia, da nossa força vital, e a troco de quê? É preciso coragem e silêncio para rasgar o véu que nos impede de ver como vários dos nossos esforços *resultam em nada*. Ah, mas por tudo que ainda haja de sagrado, esse não é o caminho da submissão, da descrença, dos braços cruzados; esse é o caminho *para o que não existe* (não suporto calar o reboar do anti-filósofo na minha alma: *cai um santuário para erguer outro santuário*). *Eu sou a voz que clama no deserto*. O encontro conosco exigirá silêncio e disciplina (que terrível palavra para a nossa geração; soa como um castigo, uma

obrigação enfadonha). Não a disciplina de rebanho, essa doença paralisante, mas uma disciplina consigo mesmo (que ofensa a uma geração que acredita no seu talento, na sua luz individual!). A liberdade soa, entre os contemporâneos, como uma orgia de possibilidades infindas; mas como pode ser livre quem é incapaz de acatar as próprias ordens, seguir seu mundo íntimo? (é até constrangedor admitir, mas, de fato, *disciplina é liberdade*). Mas não há nenhum caminho pronto a ser seguido. Fiz desse opúsculo um esforço de arte retórica do não convencimento; é possível que me odeiem, que ofendam as diversas gerações da minha família, que se incomodem levemente com um excerto ou outro; é extremamente provável que me ignorem solenemente. Só é impossível que eu seja seguido: claramente não sei aonde ir (nada sabemos, e por isso o mundo é nosso). E (por tudo que ainda haja de sagrado!) por que alguém deve ser seguido? Deve ser revirado, auscultado até as entranhas, esquadrihado e comido, na medida que interessar a cada um. Não precisamos de heróis, nem faremos heróis de nós mesmos. Eu profetizo. Todo *millennial* é o centro do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a leitura generosa e cheia de afeto dos amigos Ivo, Tiago, Vanessa, Lucas e Otávio; as marcas de cada um deles se encontram nessas páginas.

A Ana Claudia Peters, que na sua franqueza e instinto, um dia me disse que eu poderia “ir até a loucura e voltar” (não sei se fui, tampouco se voltei; igualmente, não sou capaz de medir o impacto que essas palavras me causaram).

Ao meu irmão, Guilherme, o de muitos nomes, por me ensinar sabedorias profundas, invisíveis e mudas, transmissíveis apenas pela verdade com que se vive.

A minha mãe, por tudo (como poderemos um dia ter a capacidade de agradecer ao ser que nos deu tudo, em cujo corpo buscamos o primeiro alimento, o primeiro entendimento do que é amor? Que nos gesta em carne e espírito e nos

conduz à conquista da própria vida? Tentaremos, para sempre, em vão; mas tentaremos, como quem precisa do impossível).

A Rayssa, minha coragem, meu calor. Estas páginas não poderiam ser escritas sem você. O sentimento que me conduziu até aqui, os caminhos da consciência percorridos, eles mesmos simplesmente não existiriam não fosse você. Meu norte. Meu milagre.

Waldyr Imbroisi © 2020

*Este livro segue as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa*

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Otávio Campos

REVISÃO
Tiago Horácio Lott
Vanessa Lage Martoni
Rayssa de Oliveira Souza

CACHALOTE é um selo editorial das Edições Macondo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

I32m Imbroisi, Waldyr

Um millennial no centro do mundo [recurso eletrônico] / Waldyr
Imbroisi. - Juiz de Fora, MG : Edições Macondo, 2020.
65 p. ; ePUB ; PDF.

ISBN: 978-65-990151-3-7 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. 3. Comunicação. I. Título.

2020-901

CDD 869.94
CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

[2020]

Cachalote

Rua Dom Silvério, 302/302A
Alto dos Passos - Juiz de Fora, MG
36026-450
cachalote@edicoesmacondo.com.br
www.livroscachalote.com.br



Um millennial no centro do mundo foi escrito por Waldyr Imbroisi e publicado em 31 de maio de 2020 pela Cachalote. O livro foi composto na fonte Minion Pro e disponibilizado em uma versão digital gratuitamente no site **www.livroscachalote.com.br**



livroscachalote.com.br